

CAPÍTULO XII – É NO PROFUNDO SILÊNCIO DA ALMA QUE A MENTE DIVINA FALA

Marozia estava desembalando os barris de louça e arrumando as peças nas prateleiras da despensa. Já não havia mais cristaleiras.

— “Não é simplesmente horrível?” — gemeu a Sra. Remington, torcendo as mãos em sinal de impotência e atrapalhando Marozia, que tentava diligentemente acomodar seis polegadas de louça em um espaço de quatro polegadas e, ainda por cima, criar um arranjo artístico.

Ralph Remington, o erudito, lutava heroicamente para ajustar um tapete a ângulos agudos, sendo que antes ele cobria um piso octogonal. Por mais que puxasse, virasse e tentasse soluções, o tapete não encaixava; por fim, ele chamou Marozia, que resolveu o problema com uma lata de tingidor para pisos, uma tesoura e alguns tapetinhos. Ao voltar para a despensa, sua mãe exclamou novamente:

— “Francamente... isso é horrível demais para se acreditar!”.

— “Tudo depende do ponto de vista, mamãe! Acho divertido — como brincar de dona de casa —, só que o papai vai ter de ficar sem a biblioteca... e sem outras coisas!”.

— “É, é sempre ‘papai, papai’! Meus sentimentos nunca contam! Nem sequer mereço consideração! Pois saiba que nunca vou lhe perdoar por isso! A culpa é inteiramente sua! Não tenho paciência para esse falso afeto que se resume a palavras! Você poderia ter evitado isso, mas fala como uma hipócrita sobre o papai ficar sem a biblioteca! Não suporto hipócritas!”.

— “Eu também não!” — respondeu Marozia enquanto subia em uma escada portátil. Aquele velho desafio irônico, que sempre a dominava quando as pessoas insistiam em julgamentos equivocados, faiscou em seus olhos.

— “Por que não se pode ser absolutamente justo — mesmo com um inimigo?” ...exclamou ela mentalmente. Ela desprezava a intolerância tacanha que distorce e deturpa, que colore e falsifica a realidade para servir a algum rancor ou ódio ciumento. Uma estranha convicção surgiu-lhe de repente: a de que sua mãe era uma antiga inimiga. Devia ser assim, pensou ela ao recordar o passado. Não conseguia se lembrar de um único momento feliz ou gratificante passado com a mãe; sempre houvera, isso sim, um antagonismo profundo e sutil.

Sua natureza doce e verdadeira ansiava por amor e compreensão solidária, mas buscava isso em vão junto àquela que deveria estar mais pronta a oferecê-lo. Por que haviam sido reunidas nesta vida? Devia ser para nos tornarmos amigas, para aprendermos a amar uma à outra — concluiu. Então, de repente, um desejo intenso de reconciliação total com a mãe tomou conta dela. Precisava idealizar aquela situação angustiante para conseguir suportá-la; caso contrário, seu coração adoeceria com o conflito. Agora, restavam apenas os laços do lar. Poderiam ser felizes, mesmo ali, se houvesse amor no ambiente doméstico! O caráter de seu pai era absolutamente nobre. Se ao menos sua mãe conseguisse olhar além do aspecto material e unir-se a eles na busca por idealizar tudo o que havia de sórdido ou banal em suas vidas, até mesmo aquela experiência poderia tornar-se agradável e proveitosa! Restava-lhes o que era genuíno: caráter, Mente e Alma. Com amor e paz no lar, quatro cômodos pequenos valiam tanto quanto o luxo espaçoso da Villa. Com esses pensamentos, ela desceu a escada e pousou o braço carinhosamente sobre o da mãe, dizendo, enquanto sorria para ela:

— “Não se preocupe, mamãe; podemos ficar muito bem nestes quatro cômodos! (começou a dizer “felizes”, mas uma lembrança a fez hesitar.) O que importa é a vida em família! Podemos ter isso aqui!”.

— “Bem, não sei quais são as suas ideias sobre a vida, sinceramente!” — respondeu a mãe, em tom de queixa. — “Se é preciso ficar confinada numa caixa de madeira como esta, gostaria de saber qual é o valor da vida! Sem vida social, sem prazeres, sem renda — a não ser uma ninharia de vez em quando! Uma situação e tanto, devo dizer!”.

— “Mas, mamãe, a vida não consiste em coisas exteriores! A vida social, o ambiente e o modo de vestir podem ser desejáveis, mas são apenas acessórios. Pode-se prescindir da vida social, se necessário. Temos um pai — e ter a permissão de estabelecer um relacionamento íntimo e amoroso com alguém de tal caráter é felicidade suficiente para qualquer mulher. Não consigo ver como algo poderia acrescentar ou tirar da felicidade da vida quando se está unida a um homem como ele! Acho que as mulheres não dão a mínima importância aos homens nobres! Elas são muito propensas a considerá-los como garantidos.”. Havia uma tristeza melancólica e um anseio desesperado nos olhos de Marozia enquanto ela falava. Uma expressão feia e lasciva surgiu no rosto da Sra. Remington quando ela respondeu com um “Humph!” satírico. Um súbito lampejo de luz revelou a Marozia o verdadeiro caráter de sua mãe. Ela estremeceu de dor. Ela viu a longa decepção de seu pai, sua vida solitária. Havia uma disparidade infinita entre eles. Ele sempre caminhara sozinho, preso a algo grosseiro, vulgar, materialista — algo que o vampirizava.

— “Pobre querido pai!”, ela exclamou mentalmente. Então, o doce rosto da Sra. Morton surgiu diante dela e seu caráter encantador se destacou em nítido contraste.

— “Eu não o culparia nem um pouco por nada que ele fizesse! Mas ele é tão leal, tão bom e verdadeiro! Ninguém sabe — nem mesmo eu — o que ele teve que suportar todos esses longos anos!”. O laço que a prendia à mãe — o laço íntimo — foi rompido. Ah, quando as mulheres vão aprender! A voz angustiante da mãe soou novamente em seus ouvidos, mas desta vez não

despertou nenhum sentimento. Caiu abafada, como qualquer som dissonante cairia em um ouvido sensível:

— “Quando você superar a fase da sentimentalidade boba, aprenderá que o amor não vale nada sem outras coisas. Você é tão visionária e sonhadora quanto seu pai! Não vejo por que você não poderia ter puxado um pouco a mim!”.

— “Eu não puxei a ninguém — eu sou eu mesma!”.

— “Bem, pelo menos você pode ser um pouco prática!”.

— “Eu sou — senão eu não estaria arrumando esta despensa agora! Isso nunca fez parte das minhas visões e ‘sonhos’. Você acha que essa porcelana azul ficaria melhor no meu armário improvisado?”.

Em todos esses reveses, há um lado grotesco e ridículo, se for possível separá-lo do patético que o envolve. O aguçado senso de humor de Marozia, aliado à sua capacidade de idealizar, a impediu de se tornar uma mera serva conforme as provocações surgiam dia após dia. Ela percebeu que era inútil desperdiçar sentimentos com sua mãe mundana, então voltou-se silenciosamente para suas tarefas e escondeu outra dor em seu coração. Ela estava encontrando agora amplo espaço para todo o seu idealismo altruísta. Seus sofrimentos eram proporcionais ao seu requintado organismo mental e sensibilidade refinada, mas, em prol dos outros, eram tão habilmente ocultados que alguns fofoqueiros comentaram sobre a natureza superficial de Marozia Remington, que não conseguia sentir um golpe quando ele chegava. Seu brilhante idealismo era como uma brisa aromática que pairava sobre a calma sufocante das areias áridas.

Sua mãe só conseguia ver e sentir o desperdício opressivo dos níveis do Mar Morto. Quando a família repentinamente caiu abaixo do padrão aos olhos da

futura aldeia aristocrata, ela estava absolutamente paralisada. Ela havia vivido unicamente para o elemento fraco e inconstante que muda de posição com a maré da mudança financeira ou qualquer outra influência igualmente absurda. Consequentemente, ela se viu comparativamente desamparada em sua adversidade. Ela invejava seu marido e sua filha pela serena indiferença deles às circunstâncias externas, mas os odiava por isso.

Um dia, ela se aproximou de Marozia em estado de histeria. Os Watsons a haviam esnobado — sim, a esnobado impiedosamente!

— “Eu nunca vou sobreviver a esse insulto!”. Ela lamentou.

O esnobismo, em qualquer forma, servia para revelar toda a energia e força latentes da natureza de Marozia. Ela considerava a própria quintessência da vulgaridade plebeia valorizar alguém por alguma circunstância externa accidental. Depositar respeito em uma base tão barata quanto o corte mais recente de um vestido ou o tamanho de uma conta bancária, em vez de valor intrínseco, proclamava a ordem extremamente baixa à qual tais árbitros autoproclamados pertenciam.

Seu desprezo por parasitas humanos e esnobes era diretamente proporcional ao poder penetrante de sua Mente. Ela sempre enxergava através das pessoas — por trás de todas as suas máscaras e disfarces. Seus lábios agora se curvaram em desdém ao se lembrar de algumas ocasiões no passado em que os Watsons figuraram, enquanto lutavam freneticamente para abrir caminho nas casas da nobreza do condado. Isso foi durante o período em que sua conta bancária estava começando a ser expressa em milhares em vez de centenas, quando montaram sua própria carruagem e deixaram de viver em uma casa alugada. Moravam na sede do condado naquela época, mas visitavam a mãe dela com frequência.

Enquanto a mãe lamentava agora a perda repentina de popularidade, Marozia recordava mentalmente aqueles outros dias em que consideravam uma honra constar na lista de visitas dos Remington. Um sorriso satírico passou por seu rosto expressivo ao lembrar das discussões profundas sobre as últimas modas e novidades quando estavam “reunidas em convenção” na Villa. Naqueles tempos, sua mãe — cuja Mente não conseguia enxergar além das aparências — franzia a testa e se tornava glacial quando Marozia tentava desesperadamente desviar a conversa de penteados elaborados e modismos para livros e autores, ou para algum tópico interessante da atualidade.

Marozia sentia um certo prazer malicioso ao tentar introduzir algum assunto que realmente valesse a pena discutir. Ela sempre sabia exatamente como terminaria. A Sra. Watson olhava para o vazio com uma expressão condizente, enquanto as moças tentavam parecer sábias, mas sorriam de forma afetada por trás de seus leques (elas sempre carregavam leques para esse fim)! Então, elas “achavam” que estava na hora de ir embora. Seus “achados” sempre surgiam exatamente no momento em que Marozia começava a contra-argumentar. Ela desprezava a atitude bajuladora delas naquela época ainda mais do que a atual postura de condescendência arrogante. Naqueles outros tempos, os Watsons foram responsáveis por muitos desentendimentos entre Marozia e sua mãe. Certa vez, quando a atitude de desprezo da filha se tornou evidente demais, a Sra. Remington exclamou:

— “Você deveria ter vergonha de tratá-las assim; elas são as pessoas mais importantes do condado agora!”,

— “Então vamos cultivar as últimas!” — respondeu Marozia, com os olhos faiscando. Hoje, ela lembrou à mãe quão insignificantes eram elas e toda aquela classe superficial. Seu objetivo era altruísta, não de crítica. Ela esperava que a mãe pudesse enxergar as coisas reais e elevar-se acima do

trivial e do lugar-comum, que não passavam de quimeras de uma visão distorcida.

O primeiro toque da pobreza e o desastre que a acompanhou foram como a geada precoce do outono sobre a videira: apenas acrescentaram uma nova cor à vida. O encanto ainda estava lá; a decadência ainda não havia começado. À medida que os dias passavam e o encanto inicial da novidade se dissipava, surgiam pequenas adversidades a serem suportadas — coisas triviais, vistas à distância por uma grande alma, mas que, na proximidade imediata, ganhavam proporções enormes e dominadoras.

Então, ela começou a perceber vagamente uma sensação de desilusão em seu mundo interior — especialmente quando a imagem de Claude Rathburn lhe vinha à memória. Ela tentava, agarrando-se às realidades simples do cotidiano doméstico, sufocar o anseio de seu coração feminino, que sempre desejava o abraço abençoado do amor. Passou, então, a entrar naquele estado mental e psíquico em que se tenta agarrar fios intangíveis e irrealidades emocionais. No fundo, por trás de toda a independência de seu caráter, ela desejava amar e ser amada. A desarmonia entre ela e sua mãe — entre sua vida e o ambiente em que vivia — era uma tortura para sua alma sensível.

— “A natureza certamente nos brinda com mais um de seus caprichos de fina ironia!”, exclamou ela em pensamento ao analisar a situação. Sua Mente ativa começou, então, a elaborar planos. Não era de sua natureza permanecer passiva e inerte diante de uma situação angustiante, nem aceitar com indiferença paciente um destino adverso.

Ela se rebelava contra imposições; não serviria como uma boa escrava do destino. Preferia criar o seu próprio destino. Em todo o processo de agitação e despertar de sua Mente, a verdade se revelava sob diversos ângulos. Até mesmo as virtudes assumiam significados novos e diferentes no fogo da

experiência. A paciência, por exemplo, em certas circunstâncias, parecia não passar de paralisia de sentimentos ou ações, de indiferença, de falta de energia; e a mansidão, mera aspiração acorrentada. Ela tinha uma aversão profunda a grilhões. Seu espírito livre ansiava por planar pelos ares sutis, sem algemas. Contudo, a vida aqui, nesta prisão, é sempre vivida sob grilhões, ponderava ela. É apenas uma questão de grau. Mesmo nas condições mais ideais, o Espírito tem plena consciência das paredes de sua prisão.

Então, uma parte dos ensinamentos do Sr. Arlington sobre as dívidas para com a Lei de Consequência lhe veio à Mente.

— “Podemos ser de pouca utilidade para os Grandes Seres enquanto nossas dívidas para com a Lei de Consequência não forem pagas ou anuladas pelo serviço amoroso e desinteressado (portanto, o mais anônimo possível) ao irmão e à irmã ao nosso lado, focando na Divina Essência oculta em cada um de nós, que é a base da Fraternidade”, ele havia dito repetidamente nas aulas durante o ano anterior. Isso lhe ocorreu com um novo significado agora, diante das limitações impostas pela situação angustiante em que se encontrava.

— “Em casos assim, suponho que nada além de paciência e resignação possa ajudar”, concluiu ela, após um profundo exame de consciência.”.

A renda de Ralph Remington tornara-se muito incerta. Provinha exclusivamente da venda de artigos educacionais para várias revistas. Às vezes, a demanda era pequena, e a remuneração, proporcional. Tornou-se uma luta suprir as necessidades diárias. Essa preocupação incessante com questões financeiras retardava o progresso de sua obra maior. É difícil para o Eu Superior imprimir uma mensagem no cérebro quando este está distraído por preocupações. É no profundo silêncio da alma que a Mente Divina fala.

Um plano concreto tomou forma na Mente fértil de Marozia, pelo qual ela poderia aliviar, em termos práticos, parte dos fardos de seu pai. Ela havia

decidido dedicar-se ao ensino — essa seria a missão de sua vida — e o primeiro passo foi dado quando, por influência do Reverendo Morton, recebeu uma oferta para lecionar em uma escola de um vilarejo vizinho. Ao aceitá-la, ela sabia que estava seguindo o caminho apontado pelo dever; a orientação era inconfundível. Um dedo luminoso apontava para o alto, e ela sorriu radiantemente enquanto sussurrava: “*Sic itur ad astra.*”¹

¹ N.T.: “assim se vai aos astros” ou “é assim que se sobe aos céus”.